

Provocações machadianas aos jovens leitores

Odalice de Castro Silva (UFC)*

Resumo: Este trabalho apresenta três proposições desafiadoras da parte de textos machadianos para os jovens leitores. As provocações atendem às dimensões tanto brasileiras quanto universais da obra de Machado de Assis (1839 – 1908), ao suscitarem indagações que tanto compreendem inquietações existenciais quanto pesquisa sobre o espaço e o tempo de elaboração de seus livros. Ao debruçar-se sobre alguns dos mistérios da vida e dos homens, das mulheres que habitam suas histórias, os narradores armam provocativos enigmas à percepção, à sensibilidade e à inteligência dos leitores. Quanto à metodologia, adotam-se os caminhos que abrem passagem para a investigação da linguagem, do estilo, da autorreflexão, talvez ao gosto de Machado, "sem gravatas ou suspensórios".

Palavras-chave: Leitura – Estilo – Linguagem – Autorreflexividade.

Abstract: This work presents three challenging propositions for young readers from the texts of Machado de Assis. The provocations attend to brazilian and universal dimensions of the work of Machado de Assis (1839 – 1908), as they bring questions that comprehend existential inquietudes as much as the need of research about the space and time concerned to the elaboration of his books. Reflecting about some of the mysteries of life, men and women, characters that live in his stories, the narrators that set up provocative challenges to the perception, sensibility and intelligence of the readers. Concerned to the methodology, some ways have been adopted; ways that give full passage to the investigation of language, style, self-reflection, maybe in a way that Machado himself would approve, "without ties and suspenders".

Key-words: Reading – Style – Language – Self-reflection.

Parece-nos tão óbvio que os poetas e escritores utilizem palavras na realização de seus trabalhos que, raramente damos a essa realidade sua devida importância e transferimos para pessoas, lugares, situações, acontecimentos, lembranças, englobamos imagens em temas e reduzimos a leitura a enredos, espaços, a afinidades ou não.

O acesso aos livros é pelas palavras, pelo encontro com frases, orações e períodos. Mesmo tudo isto aparecendo como tão óbvio para a leitura, é justamente nestes elementos que estão as dificuldades para formar novos leitores.

Além desta barreira, outra dificuldade é a de ler livros de forma isolada de

* Professora Associado II, no Depto. de Literatura da Universidade Federal do Ceará.

outros livros, ler escritores consagrados, como aqueles que ocupam o centro do cânone dos clássicos, sem estabelecer entre eles e os demais escritores uma correlação, uma contextualização no âmbito literário e cultural.

As escolhas que constroem o cânone, algumas vezes, quebram de forma pouco natural, a convivência de nomes como José de Alencar e Machado de Assis com outros escritores que compuseram o campo intelectual e artístico no século XIX, entre as décadas de 1850 e 1900.

Os cuidados de tratar de forma dinâmica o quadro da produção literária no Brasil no período acima referido contribuiriam para construir movimentos, de preferências dirigidas para as convergências do tempo e, de forma viva, para destacar as divergências no mesmo campo; a percepção destes movimentos é capaz de quebrar o isolamento e a exclusividade de alguns nomes. Os leitores veriam o centro do cânone cercado por seus pares, tão importantes para a vida literária.

Como tais preocupações já foram objeto de investigação e de reflexão da parte de conhecidos sábios, não pretendo mergulhar neste "mar de erudição". A diferença deste exercício de leitura será "a maneira como (...) dispor num conjunto os elementos conhecidos e o uso que fará deste conjunto os elementos conhecidos e o uso que fará deste conjunto nos seus raciocínios"(SCHAFF: 2000, p. 61). A questão principal resulta em exercício metodológico, como um ensaio no âmbito de relações de leitura, para as quais formulo três proposições: *quem somos nós, o mistério de todos nós, a distância que nos separa do tempo de Machado de Assis*.

Como este exercício tem o objetivo de ensaiar tentativas de examinar alguns formatos de leitura que têm se mostrado insatisfatórios para fazer de escritores consagrados pela crítica literária e por outros canais de legitimação como leitura indispensável e obrigatória e substituir tais formatos por sugestões capazes de incentivar professores e estudantes a encontrarem outras chaves de leitura interessante. As perguntas acima desafiam a todos nós.

Talvez as fichas com dados estabelecidos possam ser revitalizados pelo olhar relacional, pelo espírito inquiridor, pelos deslocamentos temporais, proporcionando uma refiguração dos escritores, de seu tempo, das mudanças, na ordem das incertezas, dos acertos, dos enganos, dos equívocos, das conquistas nas ansiedades dos homens e mulheres, dentro e fora dos enredos ficcionais.

Uma reenergização da leitura que tire os escritores de tronos e pedestais e os faça dialogar com os leitores, mostrando a face humana que os fez experimentar a dor,

a alegria, o medo, a inveja, o orgulho, o choro, a lágrima. Os jovens leitores desejam este tipo de encontro.

Postas estas ideias iniciais, o nosso propósito concentra-se nas dificuldades, mas também em algumas conquistas, de colocar, em perspectiva de leitura, textos de Machado de Assis (1839 – 1908).

A verdade do letramento no Brasil, cem anos depois de pesquisas e reflexões desenvolvidas por José Veríssimo (1857 – 1916), que resultaram em *A Escola nacional* (1910), apresentar-se preocupante e ser acrescentada das dificuldades do ensino da leitura literária, junta-se a todos os obstáculos e entraves à violência entre estudantes e da parte dos estudantes para professores. A figura do professor é marcada pelo pasmo e pelo medo.

Neste ambiente estarrecedor, os programas curriculares para o ensino fundamental e médio incluem a leitura e o estudo dos escritores representativos dos grandes movimentos literários no Brasil, distribuídos em três séculos de Literatura.

O planejamento de leitura literária destaca a obra de Machado de Assis como obrigatória, embora não ensine aos professores como atualizar, contextualizar e tornar o escritor legível para alunos que convivem com realidades aterradoras.

Como ensinar a ouvir, ler e gostar das histórias de Machado de Assis, em uma chave diferente das abordagens acadêmicas e que alcance as carências e lacunas da maioria dos leitores escolares? Como trazer para o mundo dos leitores aqueles personagens que vivem outros contextos e, tudo parece indicar, um outro Brasil? Como entrar para seus dramas e participar de suas decepções, fraquezas, problemas, inseguranças, vaidades, sonhos e fantasias?

Para adolescentes e jovens com muitos impedimentos para desenvolverem um gosto natural e espontâneo pela leitura, os livros não fazem parte de seu mundo.

Precisamos, primeiro, conduzi-los, aos poucos, à consciente necessidade de ouvir, pois parece uma obviedade, mas, na premência da relação professor – estudante, esta não é uma atitude natural. Ouvir é cada vez mais difícil.

Começemos por, alcançado, depois de muitos exercícios, o silêncio, a ler em voz alta, textos curtos, que suscitem a curiosidade, a vontade de saber o que acontece depois daquele episódio iniciado. As situações são apreendidas e transferidas para as experiências cotidianas, juntam-se às imagens da vida, àquelas oriundas dos meios de comunicação, às imagens dos outdoors, das inscrições nas paredes, às imagens da leitura; dessa associação, em que algumas imagens permaneceram, embora

fugazmente, e outras são dispensadas, começa realmente o processo de apreensão do que o texto sugere e constrói.

1. Quem somos nós?

Começemos por lançar em voz alta as perguntas que todos se fazem, todos os dias, sobre as realidades que nos cercam e nos atingem diretamente: quem somos nós? Julgamos e avaliamos a cada momento o comportamento das pessoas, na tentativa, talvez, de conhecê-las, de conhecemo-nos, de aprendermos a lidar com o outro, conosco?

Leiamos, para eles, este trecho de *Missa do Galo* (1894):

" – Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?
Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns. Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a língua pelos beiços, para umedecê-los. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos. Em seguida, via-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos."
(OC, p. 608)

A leitura pausada marca a modulação das frases, destaca palavras comuns, palavras fora de uso, algumas cercadas de preconceitos, como o uso de "beiços".

Com a leitura em voz alta, o estranhamento, proporcionado pela situação construída a propósito do que é narrado como a ação do conto, ou seja, a espera do companheiro, para irem juntos, o rapaz e seu vizinho, à missa do galo, instala uma cena absolutamente possível, que vai se constituir de sugestões da conversa entrecortada, em voz muito baixa, de reticências, de confidências imaginadas. A atmosfera da sala constitui a ponte móvel entre realidade e ficção.

Os leitores, uma vez incentivados pelo trecho lido, tendo buscado, posteriormente, a leitura completa da narrativa, terão mais elementos para participarem da proposta inicial: ouvir a linguagem de Machado de Assis e fazer perguntas a respeito de quem somos, a partir de quem são as personagens do conto e o que fazem com aquela oportunidade de falarem sobre assuntos banais ou outros.

Embora vivessem na mesma casa, aquela situação de uma conversa sobre banalidades parece que nunca acontecera antes. Os personagens guardavam as conveniências e as distâncias protocolares dos pactos sociais. Naqueles fugazes momentos, constatam que não se conheciam, nada sabiam um do outro, a não ser o

que se deixava ver e o que corria à boca pequena, em silêncio. A vida dupla do marido Menezes, a vida de favor de sua sogra, agregada da casa, as vidas das escravas anônimas, a vida pessoal e ambígua da jovem mulher. O que sabemos nos chega através do cruzamento de percepções do rapaz, o narrador que conduz a narração da história, da vida, com seus "costumes velhos"(Assis: 1986, p. 604 OC).

A conversa permeada de silêncios, subentendidos, suposições, remete às lacunas da vida fora da história de Conceição e do fugaz encontro antes da meia-noite, preparação para a missa do galo, com todos os sortilégios de uma revelação, da passagem para outra situação. O parágrafo que se segue, e último do conto, fecha o enredo, e o leitor, com o desfecho condensado e súbito, toma conhecimento do que o rapaz sintetiza: pelo Ano Novo retornara à sua cidade, pelo reinício das aulas, em março, tudo se modificara. O marido morrera e Conceição casara com o escrevente do ex-marido. O rapaz não voltara ao sobrado da Rua do Senado. O leitor, entretanto, conserva-se em vigília, sob o efeito da concentração do enredo nos silêncios entrecortados por frases entre reticências e a fala: "éramos três sonos leves" – D. Inácia, o rapaz e Conceição.

O conto lança expectativas para o leitor conjecturar acerca de quem eram aqueles que se encontraram para viverem o enredo de "Missa do galo" e nos lançarem a mesma pergunta: quem somos nós com os outros?

2. O mistério de todos nós.

A rejeição da leitura dos clássicos, por parte de jovens leitores, é justificada com o argumento de que eles se reportam a contextos passados, em que hábitos e comportamentos eram condizentes com situações que não existem mais. Hoje, na segunda década do século XXI, a vida está pautada por atitudes outras, como se a vida e o mundo (e tudo que neles há) tivessem sido reinventados.

As descobertas não se assemelham? As relações humanas não se parecem em nada? As emoções não são ativadas pelas mesmas químicas do corpo e das emoções? Os jovens de agora não se espantam diante de surpresas proporcionadas pelas mudanças que se vão operando na face, na constituição de seus membros, nas relações com o outro?

Seriam Bentinho e Capitu irreconhecíveis aos adolescentes de hoje? Não seria o encontro entre estes personagens e os leitores um tanto dificultoso em virtude das

barreiras externas ao casal de namorados machadianos? Uma das barreiras não seria o halo de complexidade que cerca o livro? Se rompermos o halo da obra só para apreciar as aventuras e desventuras dos namorados, como aquelas que cercam os casais de hoje, guardadas as circunstâncias de ontem e de hoje?

As cartas, os bilhetes, os recados, os e-mails guardam, em todos os formatos, as dificuldades na expressão de sentimentos nascentes, aqueles mal definidos, ainda vislumbrados com receio; o mesmo acontece com o pedido de Bentinho para escrever, algum tempo depois, as experiências do adolescente diante dos sentimentos por Capitu:

"Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me." (Assis. OC, vol.1: 1986, p. 843)

Não estaria o fascínio da cena na linguagem que descreve e tenta interpretar para si e para os leitores a "força que (o) arrastava para dentro" dos olhos de Capitu? O narrador luta com a força da metáfora que lhe veio como resposta à invocação "Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética".

As associações mentais que trazem de volta aos sentidos as experiências concretas repousam na tensão das partes, dos extremos que sustentam a tensão do arco. Olhos de ressaca respondem à necessidade do narrador-Bentinho de compreender, para nos explicar, a fúria primitiva da ressaca e o verde como uma onda "cava e escura". Os verbos que se seguem completam a ameaça: envolver, puxar, tragar. Os verbos utilizados contrapõem-se à ação de agarrar-se, "para não ser arrastado", embora "tão depressa buscava as pupilas".

Esta página resulta do domínio da forma de Machado de Assis. O escritor realiza, em ficção metalinguística, a própria essência do poético: a metáfora. O narrador desmembra os olhos e a ressaca do mar, para que os leitores vejam e sintam o verde profundo e a força dos sortilégios que cercam a cor verde dos olhos das mulheres.

O que acrescenta Machado de Assis à conhecida metáfora dos olhos ladinos, traiçoeiros, que as gerações anteriores a ele não tivessem conferido interesse e mais

desconfiança, ao ponto de estigmatizar, com tais associações, aquelas cujos olhos receberam tal coloração? O que o escritor acrescenta é o embate entre resistir e ser tragado pela antiga energia da associação entre a cor dos olhos, seu mistério e o mistério das pessoas. Que força elas guardam em si, capaz de dominar umas às outras? Enfraquecer as vontades, fazê-las obedientes e deixar-se conduzir, malgrado o esforço da resistência do desconhecido. Em *Dom Casmurro*, as personagens esforçam-se para descobrirem quem são e os leitores são envolvidos como peões no entrechoque das desconfianças, suspeitas e inseguranças.

Aos leitores de hoje, não seria cobrada muita dificuldade para as idênticas associações entre os mistérios que cercam as pessoas nos entrechoques do dia a dia. Com as conquistas que desvelam o mundo psíquico, resistem as individualidades, cada ser com suas particularidades.

Aos jovens leitores, as metáforas machadianas apresentam-se como oportunidades para que as leituras preconceituosas sejam repensadas. Se tudo é mistério, do que vale o prejulgamento?

Nas lições borgianas sobre metáforas assimiladas pela linguagem comum, chama-me a atenção a maneira como o mínimo é acrescentado e este mínimo renova e dinamiza a metáfora de convenção no dizer de José Paulo Paes, em "Para uma pedagogia da metáfora".

Para Jorge Luís Borges, "qualquer coisa sugerida é bem mais eficaz do que qualquer coisa apregoadada. Talvez a mente humana tenha uma tendência a negar declarações (...) argumentos não convencem ninguém. Não convencem ninguém porque são apresentados como argumentos." (2000, p. 40)

A metáfora não argumenta, compara opostos e diferentes. Esta conduz o leitor ao impasse de que duas naturezas diferentes em substância e forma estão sendo aproximadas e associadas. Ao leitor, diante da impossibilidade da comparação, a surpresa de elementos díspares serem postos no extremo da associação. Da surpresa à ênfase que recai sobre ambos os elementos em sua impossibilidade natural de associação, o jovem leitor vê e sente os ditos elementos serem aproximados pela força que contamina cada ponto do arco retesado; tanto a base de sustentação – os olhos, quanto o ponto de impacto, e de onde emerge a força – o ímpeto da ressaca em sua energia descontrolada e avassaladora.

Conforme Jorge Luís Borges, quando algo chega até nós pela insinuação, "há uma espécie de hospitalidade em nossa imaginação". Para o escritor argentino, "as

metáforas vão surpreender a imaginação". (Idem, p. 49)

Entre Jorge Luís Borges e Machado de Assis, associações quanto aos mistérios da vida, aos mistérios de quem somos, as sugestões, que os poetas podem formular, como na imagem dos chineses de que o mundo pode ser traduzido por "os dez mil seres", os modelos, os olhos ladinos em "soma quase inacreditável de possíveis metáforas". (Borges; 2000, p. 30)

As imagens machadianas podem, e o autor o faz conscientemente em linguagem de "retórica dos namorados", também, serem lidas como metáforas. Metáforas, não para esconder quem somos, mas para que sintamos de que modos os intérpretes do mundo e da hominização do homem sugerem quem somos nós. E Capitu, quem seria? Seria justo, e dentro dos âmbitos da Literatura, espaço de onde ela surge para habitar a imaginação dos leitores, reduzi-la a uma comparação gasta? Não seria mais justo permitir e compartilhar com o narrador, a disseminação dos raios que circunscrevem as pontas do arco da metáfora com que se tornou conhecida?

A respeito das possíveis interpretações do poder do olhar, Machado de Assis escreveu, para caracterizar e provocar a imaginação dos leitores:

"Mariana aos dezoito anos era o tipo mais completo de sua raça. Sentia-se-lhe o fogo através da tez morena do rosto, fogo inquieto e vivaz que lhe rompia os olhos negros e rasgados. Tinha os cabelos naturalmente encaracolados e curtos."

O texto acima, para o *Jornal das Famílias*, em 1871, apresenta, da "tez morena do rosto", a relação olhos-fogo, proveniente do calor da pele. O calor incendeia a cor negra, dilata e rasga o formato dos olhos, conferindo ao rosto, ângulos muito agudos. A associação delineia Mariana num protótipo da mucama bela e misteriosa, o mesmo tipo que fará rica fortuna entre as personagens do romance brasileiro de extração nordestina: os romances que recriam a gênese do Brasil miscigenado, cujo berço, a casa grande das fazendas, tem na mucama uma das figuras obrigatórias.

Mariana atende à outra face de quem somos.

Em *Americanas*, de 1875, Machado de Assis, com a história de Sabina, mucama desiludida e atraçoada, compõe uma outra relação entre o olhar da mulher e a vivacidade ingênua da gazela (OC: 1986, p. 136-137):

"Sabina era mucama da fazenda;
Vinte anos tinha; e na província toda
Não havia mestiça mais à moda,
Com suas roupas de cambraia e renda.

Cativa, não entrava na senzala,
Nem tinha mãos para trabalho rude;
Desabrochava-lhe a sua juventude
Entre carinhos e afeições sala.
(...)

Dizem que à noite, a suspirar na cama,
Pensa nela o feitor; dizem que, um dia,
Um hóspede que ali passado havia,
Pôs um cordão no colo da mucama.

Mas que vale uma joia no pescoço?
Não pode haver o coração da bela.
Se alguém lhe acende os olhos de gazela,
É pessoa maior: é o senhor moço."

O poema "Sabina" está dividido em cinco estrofes de quatro versos que introduzem a personagem na ambiência da narrativa, às quais seguem-se doze estrofes de versos variáveis, que narram as ilusões e desventuras da paixão da mucama por Otávio, o filho da Casa grande.

As figuras femininas, Sabina, e a "donzela gentil", "uma flor desabrochada em seus quinze anos,/ Que o moço viu num dos serões da corte/ E cativo adorou" (Idem, p. 141), com Otávio formam a trama amorosa de uma cena literária por demais conhecida dos romances que tomaram o Brasil do "tempo dos escravos" como motivo de suas histórias. Não há lances ou peripécias a causarem reviravoltas ao conhecido enredo, mas, os olhos de gazela, assustadiços, de Sabina, destacam-se na configuração generalizada de astúcia, de esperteza, de cálculo presumido dirigido às personagens machadianas.

Em *O enigma do olhar* (1999, p.10 e 11), Alfredo Bosi reconstrói o mistério da metáfora machadiana:

"Olhar tem a vantagem de ser móvel, (...) o olhar é ora abrangente, ora incisivo. O olhar é ora cognitivo e, no limite, definidor, ora é emotivo ou passional. O olho que perscruta e quer saber objetivamente das coisas pode ser também o olho que ri ou chora, ama ou detesta, admira ou despreza. Quem diz olhar diz, implicitamente, tanto inteligência quanto sentimento (...). O objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano. Esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras e silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império. A referência local e histórica não é de somenos;"

Olhos de ressaca, olhos de fogo, olhos de gazela imprimem, ao imaginário dos jovens leitores, outros raios de associações e de interesses, capazes de lerem a mulher

e o homem brasileiros em relações étnicas e sociais sob outras conjunturas, sobretudo desfazendo os clichês e lugares comuns, colaborando para uma releitura da história das relações de homens e mulheres na sociedade brasileira do tempo de Machado de Assis, tempo de lutas e confrontos, que muitos transformaram em tempo de vergonha, com a escravidão dos negros que aqui persistia.

Os leitores, a partir das metáforas do olhar machadiano para a diversidade das situações humanas, reformuladas para as maneiras como olhamos uns para os outros, não sentir-se-iam mais à vontade com este escritor, evitado por pertencer ao passado e temido por difícil e inacessível?

Para apreendermos o contexto em que Machado de Assis e outros escritores viveram e escreveram, não podemos abrir mão de uma perspectiva que seja capaz de nos mostrar algumas faces da vida social do Rio de Janeiro. Para José Wanderley de Araújo Pinho, em *Salões e Damos no segundo reinado* (Apud Stein: 1984, p. 19), entre 1840 e 1867, a sociedade foi tomada por verdadeira "febre das reuniões, dos bailes dos concertos, das festas".

Antigos costumes herdados dos colonizadores que ensinaram às famílias a comemoração de aniversários, casamentos, ou o hábito de receber parentes e amigos. Em algumas residências, mantinha-se o costume de recepção em dias pré-fixados.

Os salões tornaram-se o espaço de difusão de práticas sociais, como o hábito de servir chá, ceia, cultivo de jogos, canto, recitação e execução de peças musicais ao piano.

O costume de dançar integrava familiares, amigos e convidados numa reunião em que a política utilizava-se dos encontros de pessoas em posições de destaque e ali eram feitos acordos, firmavam-se pactos e decisões que afetariam a vida de muitas pessoas.

Este mundo de ópera, recitais e festas possuía dois núcleos bem nítidos: um núcleo central, oficializado, cujo centro é o casal branco e seus filhos; e um segundo núcleo, formado por escravos e agregados, índios, negros, mestiços, concubinas e filhos bastardos.

Trata-se da família de organização patriarcal de dupla estrutura, a qual "perdurou até o século XIX e, somente com a urbanização, processaram-se modificações essenciais em sua configuração" (Stein: 1984, p. 22).

3. A distância que nos separa do tempo de Machado de Assis

Entre 1861 e 1908, Machado de Assis escreveu, cultivando vários gêneros textuais, tematizando a sociedade brasileira em suas contradições, ambivalências e ambiguidades, a partir dos modelos que se organizavam como representativos, face e contra-face dos núcleos familiares, dentro da casa e nas fronteiras da casa, enquanto emblema do núcleo legitimado e o fora da casa, com extensões da liberdade dos homens, chefes de famílias.

Este Brasil ainda não se dissolveu e sua configuração e efeitos estendem-se até hoje, por suas regiões, tanto nos estratos sociais de alto poder aquisitivo, quanto nos estratos pobres ou à margem da organização social.

Viver no Rio de Janeiro significava maior proximidade com os meios de legitimação do ofício de escritor: fazer parte dos grupos que discutiam, frequentavam tipografias-editoras, livrarias-impressoras, colaboravam com jornais e revistas, através de artigos, colunas de conselhos, notícias diversas, impressões de leitura, rodapés, opinião sobre a vida nacional e d'além mar.

Neste campo dinâmico para a época, viveu Machado de Assis, "o primeiro entre nós – ser universal sem deixar de ser brasileiro", no dizer de Lúcia Miguel-Pereira (1988, p. 54).

O campo literário, em que viveram e escreveram Machado de Assis e outros escritores, conheceu mutações responsáveis pela convivência de diferentes tendências literárias, tanto na poesia quanto na escrita em prosa:

"Tanto no presente como no passado alterava o nosso panorama literário, porque exigia revisão de valores que, segundo T. S. Eliot, se dá cada vez que surge uma obra realmente nova. (...) o aparecimento do *Brás Cubas* modificou a ordem estabelecida: as posições de José de Alencar, de Manuel Antônio de Almeida, de Taunay, de Macedo – até então os grandes nomes da nossa ficção – tiveram que ser sensivelmente alteradas." (Idem, p. 54-55)

O caráter dinâmico da produção literária da época em questão permite aos jovens leitores a percepção de um reordenamento no cenário literário, permitindo, também, outras discussões a respeito da ênfase sobre a "exclusividade" de que Machado de Assis foi uma exceção no Brasil do século XIX e ainda o seria no Brasil do século XX". (Miguel-Pereira: 1986, p. 61)

A discussão de certa "exclusividade" machadiana dentro do campo literário brasileiro entre 1861 e 1908 apoia-se, segundo Lúcia Miguel-Pereira, na formação,

nas preferências, nas escolhas e nas inclinações do escritor para determinadas leituras que, aos poucos, afastá-lo-iam do "romance brasileiro" e o inclinariam na direção de uma visão universal do homem: "os livros que amava não eram os que nutriam os seus contemporâneos":

"Grandes e decisivas foram as influências que recebeu, e que nunca pensou ocultar, citando com frequência os autores prediletos. Shakespeare, Swift, Sterne, Thackeray, Dickens entre os ingleses, Montaigne, Pascal e Xavier de Maistre e Victor Hugo entre os franceses, Garret entre os portugueses parecem ter sido os que mais o impressionaram, e de quem mais se valeu, já na sua visão do mundo, já na sua forma de expressão. De Sterne apanhou até os tiques de composição literária e disposição tipográfica. Mas o fato de se haver servido de exemplos alheios em nada o diminui." (Idem, p. 61)

Os autores prediletos de Machado de Assis, no estudo de Lúcia Miguel-Pereira, auxiliam o leitor no processo de discussão acerca das transformações que o escritor operou na linguagem, no estilo, na composição literária, sem isolar-se de seus pares, enquanto construía uma maneira sua de representação de alguns aspectos de natureza humana.

Eneida Maria de Souza concedeu entrevista a Itamar Rigueira Jr. para o boletim – UFMG –, de nº 1.627, em 29.09.2008, e afirma que "o texto de Machado tem um lado muito pessimista, seus romances têm uma extraordinária relação com o trágico, mas com um humor muito refinado (...) o trato com a escrita é impecável". (p.5)

Embora a ênfase da composição machadiana recaia na linguagem e no estilo, os enredos e personagens dão também o tom da diferença, ao notabilizar-se por "introduzir em nossas letras (...) uma perspectiva problematizadora e crítica da existência", segundo José Guilherme Merquior (Apud Rita Elias: 1998, p. 39).

Machado de Assis apoia as narrativas em núcleo de enredo prestes a se diluir, não fosse o trabalho do narrador, entretecendo, com um destinatário do lado de fora da narração, uma trama de linguagem, da qual o leitor é conscientizado por chamadas frequentes, capítulos curtos de digressões metalinguísticas, com o intuito de subjugar este leitor coagido a acompanhar e participar de torneios linguísticos, comparações cheias de chistes e de ironia subliminar e risos e sussurros à meia voz.

Lúcia Miguel Pereira tem o mérito de haver destacado as provocações estéticas no corpo da linguagem e por surpreender o leitor, nas teias do enredo, com uma perspectiva filosófica da existência, ao mesmo tempo em que os seguidores do

romantismo, do realismo e do naturalismo apontavam, segundo Rita Elias "um momento literário dominado pela consciência ingênua e pela atrofia da visão problematizadora do real". (Idem, p. 39)

Já não se afirma que o estilo é o homem. O estilo está no texto, na maneira de recriar e problematizar situações criadas pela linguagem, capazes de construir um "modo de narrar autorreflexivo que abre alçapões e arma arapucas para capturar algo que nos falta. Sobram histórias e saberes. Faltam perspectivas". (Santiago: 1998, p.125)

De dentro da ambiguidade da linguagem o narrador machadiano acena para os leitores, convidando-os para experimentarem os ziguezagues que jogam com a História e com a realidade das histórias, desfazendo os cortes e as fronteiras do discurso e instaurando passagens vivas entre a vida e a ficção, passagens capazes de reanimarem os leitores, fazendo-os incluir os textos literários na linha de frente do que pode auxiliar na discussão das expectativas de quem contempla a frieza e a indiferença como marcas dos tempos líquidos (Zygmunt Bauman). Do riso irônico, da desconfiança que se indaga de si mesma talvez nasçam as necessárias perspectivas, esperançosas de sentido.

O personagem, anunciado pelo narrador em *Ressurreição*, seu primeiro romance, sintetiza o projeto em esboço, de sua ficção e com a qual concluímos este exercício: "não se trata aqui de um caráter inteiriço, nem de um espírito lógico e igual a si mesmo; trata-se de um homem complexo, incoerente e caprichoso, em quem se reuniam opostos elementos, qualidades exclusivas e defeitos inconciliáveis". (Assis: OC, vol. 1, p. 118)

Este é o homem complexo, o homem que viverá as tramas do romance moderno, levando-nos às indagações incômodas, marcas dos dias que correm: Machado de Assis não encontrou sentido para a vida nem iludiu seus leitores, mas, se abirmos os livros que escreveu, encontraremos contadores de histórias, à moda dos modernos, céticos, capazes de acreditarem na esperança, apaixonados, devorados pela incapacidade de terem esperança, como na vida. Este é um Machado mais perto dos jovens leitores. Seria o tempo de Machado de Assis e os desentendimentos sobre quem somos tão diferentes do que nos inquieta e do que nos desafia em nosso tempo?

Bibliografia:

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

VERÍSSIMO, José. *A escola nacional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Vol. 1, 2, 3. Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguilar, 1986.

BORGES, Jorge Luis. *Esse ofício do verso*. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

BOSI, Alfredo. *O Enigma do olhar*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

STEIN, Ingrid. *Figuras Femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de Ficção. História da Literatura brasileira (de 1870 a 1920)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

ELIAS, Rita. (et al.) *Machado de Assis*. Revista Tempo brasileiro N° 133/134. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro Ed., 1998.

Boletim Universidade Federal de Minas Gerais. *Machado e Rosa, Lado a lado*. N° 1627, Ano 35. 29.09.2008.

SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. Trad. Maria Paula Duarte. Lisboa: Ed. Estampa, 2000.